

GAZETA DA
PARAHYBA

20 DE DEZEMBRO
DE 1889

GAZETA DA PARAHYBA

FOLHA DIARIA

ANNO II

REDACÇÃO E TIPOGRAPHIA

RUA DA MISERICORDIA N. 9 A.

Avulso do dia...
Da dia anterior...

60 rs.
100 rs.

PARAHYBA DO NORTE

SEXTA-FEIRA 20 DE DEZEMBRO DE 1889

ASSIGNATURAS

CAPITAL.—Por tres mezes..... 36000
INTERIOR E PROVINCIAS.—Anno..... 48000
Sem... 8000—Trim.... 48000

N.º 474

A GAZETA DA PARAHYBA é a folha de maior circulação no Estado da Parahyba.

OS NOSSOS ASSIGNANTES DA CAPITAL

Tendo nós recebido que os assignaturas para a capital serão de Janeiro em diante pagas retroactivamente, mandamos desde já preceder a cobrança até o fim do corrente mez.

As srs. assignantes que não satiszerem estas condições serão lamente suspensas a entrega da folha.

A dificuldade que ha na cobrança das assignaturas da capital obriga-nos a tomar esta medida.

AINDA OS ACOTECIMENTOS DE 1 DO CORRENTE

VIII

Pelos artigos que temos até hoje escripto, ficou exauberantemente demonstrado que, sobre os acontecimentos que se deram nesta cidade no dia 1.º do corrente, a Gazeta narrou os factos com toda fidelidade, fazendo plena e inteira justiça aos Srs. D. Luiz e Manoel Carlos, dando-lhes o papel conspícuo que representaram elles naquella sedição, que tinha unicamente por fim obter a posse do Dr. Venancio Neiva; e que, quem atirou sobre o Sr. Dr. Manoel Carlos—calúnia infamante—foi o Sr. D. Luiz que não teve escrúpulo em fazer o ex-membro do governo provisório assignar um artigo cheio de inverdades contra si.

Reduzido as suas justas propeções, demittido dos empregos que exercia, repellido pelo Poder executivo antigo e tal que o Sr. Dr. Manoel Carlos lhe atirou submisso aos pés, qual foi entretanto o procedimento do arrogante membro do governo provisório, para quem o mundo era pequeno para conter a sua fúria vaidade e não via bastante victimas para saciar o seu odio tigrino?

Para um homem de brio e dignidade o acto do Sr. Dr. Oliveira Cruz, por mais justo que fosse, teria arrojado immediatamente um protesto; e se o Sr. Dr. Manoel Carlos tinha a sua consciencia tranquilla, se confiava na justiça do sua causa e restava-lhe a obrigação de estar sob a direcção de um governo livre e moralisado, que respeita a liberdade e o direito dos cidadãos brasileiros, que se não havia de deixar levar pelas perfidas e maledicas insinuações do retractor-chefe da Gazeta e seus golpistas, devia esportar tranquillo pela reparação da injustiça que lhe tinha sido feita, pela restituição do seu direito.

Entretanto, como procedeu elle? Deixou passar sem um protesto as demissões que lhe indigira o Dr. Oliveira Cruz, remettendo-se a completo e absoluto silencio, e mal o Dr.

Venancio Neiva acabava de assumir a direcção do governo do estado, dirigiu-lhe elle uma petição, supplicando a reintegração nos logares de medico dos hospitais da Cruz do Peixe e Misericordia, como qual quer continuador da secretaria...

Que! Pois o Sr. D. Luiz levou a sua deshumanidade para com o Sr. Dr. Manoel Carlos a ponto de não advertir-lhe que isto não ficava bem a um chefe que acabava de sair da direcção do governo do Estado, a um candidato a Constituinte, candidato a senatista e candidato a governação do Estado?

Hontem o dispensador das graças, hoje supplicando a reintegração de um miserio emprego!

Triste contingencia da vida humana!

Para nós não ha mais razão de ser para que o Sr. Dr. Manoel Carlos continue fora do exercicio de medico do hospital da Santa Casa da Misericordia: o logar deve-lhe ser restituído, e doze dias de espera por um—defruido—já é castigo sufficiente para quem tanto sabe humilhar-se, e compaixão para os que se humilham, Sr. Dr. Venancio Neiva!

O conspirador está sufficientemente castigado! A sobrinha e o orgulho desapareceram e elle contricto bate-vos a porta pedindo perdão!

Quo importa que nada disto seja sincero e que amanhã dadas as mesmas causas vejamos os mesmos effectos? Os arrependidos são os que salvam, e só Deus póde embeccor da sinceridade dos arrependimentos!

A co-actancia em nome da Republica, com a que da humilde perdão ao Sr. Dr. Manoel Carlos do Gouvêa, e deixá-lo que elle vá alliviar as dores dos enfermos da Santa Casa, mediante o recibo de tal résumo-usaes.

A opinião publica já manifesta-se favoravel ao ex-membro e uma onda de sympathia torna-se em torno do seu nome pelo muito que tem soffrido! Todos já lhe perdoamos! Basta de crueldade!

Dinamicamente vamos solicitar para que tenhamos compaixão do Sr. Dr. Manoel Carlos, o como catholico e christão deixamos tambem qua dos nossos labios caia a palavra—perdão! O Sr. Dr. Manoel Carlos não soube o que fez, ignora o que o creveu!

Quem pede a vós, illustre governador do estado da Parahyba, para que restituais ao Sr. Dr. Manoel Carlos o logar de medico da Santa Casa da Misericordia somos nós! E não fosse a resposta que devemos ao editoria d'O Despertador e poríamos hoje ponto final nesta serie de artigos.

Em plena Republica!

Tem causado no espirito publico uma impressão a demissão do Dr. Stanislaú Pessoa de Vasconcellos do cargo de promotor publico da comarca do Pilar, quanto hontem causou a do Dr. F. Retumba do cargo de escriptor fiscal interino da vice-regia de Eu.

E que, apesar do nenhum interesse que o nosso povo acostunou-se a ligar aos negocios publicos, deixando que corresse a revelia mesmo os seus direitos e as suas conquistas, elle inquirio hoje naturalmente que Republica é esta que se inicia atirando para fora de seu seio os melhores talentos e os melhores caracteres, personificados nessa mocidade em quem tanto confiava a Patria Brasileira, que orgulhosa via nella a sua redemptora. Que crimes tinham commettido os dous illustres moços, que honram a terra da seu nascimento, para serem tão severamente punidos? Que elevado interesse da ordem publica determinou as suas retiradas, um tanto acintosa, dos cargos que exerciam com reconhecido proveito para o Estado?

Nem crime nem interesse de ordem publica foram as causas determinantes de tais attentados, porque elles o são e mas o interesse partidario e o que ainda hoje trava por toda parte, por toda parte introduz-se, vivo por traz das renosteiros, aninha-se por baixo dos brizões dos falsos filzgos que nos levou a instituição decahida e a que se ao calor dos pequeninos odios que certamente não se extinguiram a 15 de Novembro, porque os corações que os encerram são tão grandes como elles!

Ahi vai elle, o pequenino e enfadado interesse da politica de outrora, tudo solapando e tudo destruindo em pleno regimen republicano, já que se nos affirma ser esta a forma de governo que actualmente nos rege!

A forma de governo federal, entre as incontestaveis vantagens que traz, deixa que cada estado viva de seus proprios recursos e saiba aproveitar as suas forças vivas e por isso mesmo mais acrisolada torna-se o nosso amor a esse pedaço da patria common, mais justo o nosso orgulho e o nosso hairrismo.

En retanto, são demittidos dous parahybanos distinctos dos cargos que exerciam honrando-os, para serem substituidos por dous outros cidadãos que, dada mesmo a igualdade de circunstancias, não são parahybanos! O Sr. Dr. Antonio Gonçalves da Justa Araujo já é muito nosso conhecido... e quem é o Sr. bacharel Francisco da Fonseca Figueiredo?

Ninguem o sabe; o que se sabe apenas é que este illustre desconhecido nos vem da Pernambuco e que é sobrinho do Sr. major João Domingues Ramos!

Continua, pois, a imperar entre nós o nepotismo, e a Parahyba a ser o burgo podre que foi durante o imperio!

Pobre terra! Infeliz Parahyba! Do teu seio serão sempre expellidos os teus mais dignos filzgos, para dar logar as mercadorias que nos vem de contrabando! Nos teus festins não têm elles o direito de tomar parte, e os seus logares serão preenchidos pelas aves que não chegam de arribação, que não encontram em seus lares um galho onde pousarem!

Mas, quando chegarem os dias do infortunio e locupletados forem-se os forasteiros a escarnerem de ti, a tua cabeceira encontrarás os proscritos de hoje, em nome da Republica, em nome da Igualdade, em nome da Fraternidade!

Pobre Parahyba!

Navio perdido

Alguns pescadores do Tambau acharam em alto mar varias caixas de metal contendo materia inflamavel. Abertas essas caixas encontraram dentro outras caixas hermeticamente fechadas e algumas pedras que, no contacto d'agua, facilmente se inflamavam.

Uma dessas caixas foi enviada ao Dr. chefe de policia, que incumbiu do respectivo exame ao Dr. F. Retumba.

Declarou este que aquellas caixas eram signaes de perigo usados na navegação. Contem ellas, com effecto, uma segunda caixa cheia de gaz inflammavel e algumas pedras de sodio ou potassio (metal) como se sabe, este metal decompõe-se facilmente n'agua, produzindo chammas. A caixa exterior contem um orificio na parte superior e na inferior uma sorte de rolo de forma afunilada. Quando em perigo, durante a noite, os navios lançam essas caixas ao mar, tendo o cuidado de se fechar pelo orificio superior da caixa a segunda caixa interior que contem o gaz inflammavel. Um voz n'agua, esta penetra no interior da caixa pelo rolo afunilado e decompõe o sodio ou potassio, produzindo chammas que inflamam o gaz contido na caixa interior.

Dahi nasce um grande incendio, que pode ser avistado de terra ou de algum outro navio que passe ao largo.

Essas caixas são do systema inglez *«Hobbs distres signal»*.

E de receber, a vista desta explicação, que se tenha dado algum naufragio perto de nossa costa, subretudo, como declara o Dr. Retumba, não havendo signal de que se tenha feito uso de tais caixas, que se achavam intactas.

Uma commissão da associação commercial composta dos cidadãos Francisco de Brito Lyra, Dr. Antonio de Souza Carvalho, Alexandre de Faria Godinho, Antonio Pinto Guedes da Paiva, José Francisco de Moura, Antonio Domingues dos Santos e Candido Jayme da Costa Saixas foi hontem pelas 12 horas do dia complementar ao cidadão go-

vorna dor do Estado, Dr. Venancio Augusto de Magalhães Neiva.

Consta que na comarca do Pilar, povoação da Serinha, passeiam quasi todos os dias, soltos e tranquilos, os individuos Joaquim José Ramos, e seu filho José, e mais João das Chagas, pronunciados em crime de homicidio perpetrado na pessoa do soldado José Pereira no dia 8 de Setembro ultimo.

Estes criminosos praticam assuadas no referido logar, desacatam as pessoas que não os protegem, e perturbam com as suas presenças o socego publico.

Felizmente consta que o Dr. chefe de policia inteirado de semelhantes occurrencias tomara energicas providencias para o fim de serem os mesmos capturados.

Foi demittido o promotor publico da comarca de S. João e nomeado o bacharel Ignacio da Costa Brito.

Em virtude de falta de pagamento, fizeram greve hontem os operarios do theatro «Santa Rosa», que foram pessoalmente levar as suas queixas ao cidadão governador que prometeu providenciar.

Formosores interessantes

Publicamos em seguida a terceira carta que, em resposta, a pedido da redacção do *«Correio Paulistano»*, lhe foi enviada do Rio de Janeiro sobre as occurrencias politicas dos dias 15 e seguintes.

Julga a redacção daquella folha dever advertir os seus leitores de que taes missivas não são de um unico autor, porém de diversos cavalheiros, aos qu es se dirigiu, por suppól-os bem informados dos acontecimentos.

«O ministerio Ouro Preto tentava fazer embarcar para uma provincia longinqua dous batalhões de linha. Disso tiveram certeza dous officaes do exercito e, em consequencia, promoveram reuniões secretas em diversos pontos desta capital. Presidiam a essas reuniões ora Quintino Borayova, ora Aristides Lobo, ora Benjamin Constant. Outros republicanos paizanos tomavam parte nesses conciliabulos, entre elle Lopes Travão, Pernambuco, Glycerio, etc.

O plano de ataque para a deposição do governo e proclamação da republica devia ser executado na sexta-feira, a noite, quando em conferencia o ministerio na secretaria do imperio.

O governo, porém, tendo tido de novo a desse plano tratou de reunir com antecedencia forças do mar, no arsenal de marinha e de terra no quartel do campo da Aclamação.

Durante a noite de 14, desembarcaram no arsenal as praças de marinha, e recolheu-se ao quartel do campo uma brigada ao mando do Barão do Rio Apa, composta dos batalhões 7.º e 1.º de infantaria, corpos de policia e de bombeiros.

Pelas 11 e 12 horas da noite de 14, a 2ª brigada, composta de artilharia e cavallaria, principiou a preparar-se para sair pela marinha, seguindo o exemplo dos officaes que disseram favor orden de prisão contra o commandante da brigada marechal Deodoro da Fonseca.

A meia noite, saíram do quartel

diversos officios e foram prevenir a Benjamin Constant e outros chefes. Aquella achava-se accommodado. Levantou-se precipitamente e, chamado a seu irmão Mariano, disse-lhe: «Eu vou cumprir o meu dever, V. cumprirá o seu.» O official que foi fazer esse aviso é o tenente de artilharia Adolpho Penha, moço sympathico, elegante e valente militar. Dalli partiu Penha a galope e foi prevenir aos outros chefes, inclusive o marechal Deodoro, declarando que a brigada estava formada e sairia do quartel de madrugada. Os officios e praças apoderaram-se das arcações e municiaram-se copiosamente. Deodoro, no dia 14, achava-se enfermo, accommittido de um accesso asibmatico, moestia que o victima desde muito. Não obstante, mal recebeu o aviso, o marechal promptificou-se e saiu a assumir o commando da brigada, vindo de S. Christovão para defronte do quartel. Quando ali chegou Deodoro, já estavam desde alguns minutos na secretaria do quartel os ministros da fazenda, guerra, justiça, e-trangieros e unperio. No patio interior achavam-se as forças alli aquarteladas sob as ordens do Barão do Rio Apa. Ordenou Deodoro que fosse postada a artilharia com as bocas voltadas para a secretaria. O 10º, com o seu chefe, estava no largo da Lapa, para fazer a passagem dos alumnos da escola militar, com os quaes, porém, confraternizou, dirigindo-se juntos a se reunir ás forças que se achavam em frente ao quartel. O Visconde de Ouro Preto estava no salão da secretaria, dava ordens, conferenciava com o conselheiro Candido de Oliveira e o Visconde de Maracajú. Este dizia repetidas vezes: «Energia, energia, é o que devamos ter!» O conselheiro Candido de Oliveira chegava á janella do pateo do quartel e dizia: «Affonso, temos gente!» O Visconde de Ouro Preto chamou então o general Almeida Barreto e disse-lhe: «General, vá commandar a brigada. Espere que seja energico e saiba cumprir o seu dever.» Ao que respondeu o general Barreto: «V. Ex. sae ver como sei cumprir o meu dever, e já...» O general saiu pelo portão do 10º e foi ter com a brigada. Momentos depois, mandava descansar armas. Estrahando o facto, ordenou o Ba-

de do Rio Apa a seu ajudante de ordens, capitão Torres, que fosse indagar do general Barreto a razão de sua inactividade. Respondeu o general Barreto: «A brigada não faz fogo, e acenou com a espada ao marechal Deodoro. Este aproximou-se com o seu estado-maior e apertou a mão do general Barreto. Deodoro e Barreto tinham estado de relações cortaes, mais haviam-se reconciliado no dia 14 e combinado juntos o ataque. Barreto concorreu de modo effiz, decisivo, para a victoria de Deodoro. Por essa occasião aproximou-se da rua Larga de S. Joaquim um coupé. «E' coupé de ministro?» disse um official do estado-maior do general Deodoro. «Prenda-o,» disse um chefe. Os tenentes Pena e Miller ficaram os cavallos e fizeram parar o coupé, reconhecendo ser o Barão de Ladario quem o occupava. Dirigindo-se ao ministro da marinha disse-lhe o tenente Pena: «Sr. Barão, está preso!» O Sr. Ladario abriu subitamente a porta do coupé, saltou para fóra, sacando um pequeno revólver e atirou duas vezes sobre o tenente Pena. O primeiro tiro faliu, o segundo errou o alvo. Este facto deu-se junto á parede, por baixo das janellas da pagadoria das tropas. O tenente Pena tambem puchou de um revólver e disparou quatro tiros sobre o Barão de Ladario. O primeiro não acertou, o segundo attingiu-lhe uma perna. Então, ferido, recuando, o Barão de Ladario procurou entrar pela porta da repartiçã do ajudante-general, quando o piquete do general Deodoro disparou uma descarga, ferindo-o em diversos pontos. Ande assim, Ladario corre entre patas de cavallos e tiros de revólver, para entrar na taverna da esquina da rua de S. Lourenço quando a porta fecha-se de dentro, e o piquete dá-lhe outra descarga. Então, muitos officios, o príncipe marechal Deodoro e o tenente Pena gritaram: «Não matem, não matem o Barão!» Voltaram os officios a seus postos, deixando o mísero cado no pateo da porta da taverna, onde foi elle socorrido por pessoas do povo e um grumete, sendo recolhido ao palacete Iamaraty. Até o dia 16 á tarde, estava o Imperador em completa penuria de re-

ursos pecunarios para a viagem a que era obrigado. Somente nessa occasião com eguiu um amigo arranjar um cheque de dez contos, que poz a disposição de Sua Magestade, em Lisboa. Affianço-lhe serem inexactas as palavras attribuidas ao Imperador—todas estão doulas etc. e estou cansado de carregar ministerios mds.» Pos-o affianço-lhe que o Visconde de Ouro Preto proleu em todas as emergencias com a maior sobranceira e dignidade. No dia 15, quando se retirava depois de haver conferenciado com o Imperador, deitou-se a dormir em algumas pessoas—que tiveram a stella, não se espuzessem a respeito de sua ex-residência. «Vim a perigo. Vinham-me fazer mal.» No dia 15, á tarde, foi um amigo meu acompanhado por uma pessoa do pato de, em nome do Imperador, ir á rua da Ajuda chamar ao Visconde de Ouro Preto. Foi recebido pela familia da Barbeza de Javary, os Srs. Fr. de M. Martins etc. e pelo Dr. Custodio Martins. Assustaram-se todos com a presença de aquelle cavalheiro, que, por isso, apressou-se em despedir-se a que ia. «Charros, responderam-lhe que — dez minutos antes, fora alli preso o Visconde de Ouro Preto por um capitão de cavallaria, sendo no carro acompanhado tambem pelo Dr. Fernando Teixeira de Carvalho. Voltando ao piquete aquelle cavalheiro narrou o facto ás pessoas presentes: Conde de Volta Maia, Barão de Loretto, conselheiros Dantas, Silva Costa e Olegario, os filhos do conselheiro Dantas e outros. Houve alguma reluctancia em communcar-se o facto ao Imperador. Affianço o conselheiro Dantas fel-o com toda a verdade, completando assim o conhecimento que Sua Magestade já possuia das outras occorrenças do dia. O ministerio estava erente, até a manhã do dia 15, de que disponha de conselheiros superiores de forças, p' além do derradeiro marechal Deodoro, prendendo e assum suffocar o movimento sedicioso. Essa persuação foi habilmente mantida e confirmada pela dissimulação com que proceberam varios chefes e os auxiliares occultos da revolução. O acmulo de vnos trabalhos muitas horas por dia, e conservarem em confidencia o despacho de tudo na secretaria da guerra que se achava a ser o centro das operações, entre as peças de convicção. Esse gorro era effectivamente d'elle, embora negasse encurtadamente que fosse seu. Conseguiram ler no laudo do tal gorro o nome do fabricante. Esse nome estava naturalmente muito apegado; mas todas as letras eram perceptíveis. Accorram H. Hackim com o laudo, que elle não reconheceu physicamente. O cignano, essa physionomia, má, diabólica, que tanto o impressionou na occasião em que o comparador do gorro fallou-lhe no seu estabelecimento. No jury o negociante afflicto de novo, com a maior energia, que reconhecia Hans Hackim e que era effectivamente o mesmo que lhe comprara o gorro de lontra. Esse depoimento acabou de fazer entrar no espirito dos jurados a convicção da criminalidade do cignano. E, embora este negasse com furia, apesar da brilhante defesa do seu advogado, o jury apresentou um veredictum affirmativo e que nada dizia sobre circunstancias attenuantes. Assim o tribunal, depois de curta deliberação, pronunciou contra o réo a pena de morte. Hans Hackim recebeu o golpe com tranquillidade e sem postanejar. Para esgotar todos os recursos que a lei punha á sua disposição, appellou a assignar o seu recurso de graça. Mas não era n'isso que confiava. Durante esse tempo passaram-se diversos acontecimentos.

Um moço alegre Contava-nos, outro dia, em uma reunião familiar, o Dr. F. S. o mais letrado e o mais secundario conversador de nossa classe medica: —Em minha ultima viagem de propaganda republicana, pela então provincia de Minas, encontrei na estrada a duas leguas da pequena povoação de S., uma cruz enorme, tonda por suppeleone um montão de pedras e com os braços carregados de flores e lvestras. «Alguns assassinatos? perguntou ao companheiro de viagem. «Não: aqui morreu de congestão cerebral fulminante o compadre Lucas, um companheiro, meu amigo, que, ainda depois de morto, assistiu ao casamento de minha filha e affilhado-lhe!» «Ainda depois de morto? interroguei sorpreso; então, e em qual do outro mundo, como assistiu?» «Em carne e osso, como nós que aqui estamos.» Passei a não entender; mas o ha-nim contou-me a historia toda, que não deixa de ser interessante, como um traço de costumes. Vinham por aqui, em ruidosa e alegre cavallgada, os noivos, os paes, os padrinhos, as familias d'elles, os amigos, um magote de quasi cem pessoas; na frente, corria a pé uns moleques atirando foguetes; atrás vinha a musica da nossa fazenda tocando peças festivas. Mas de toda a comitiva o mais animado e folgazão era o padre do compadre Lucas, que vinha saracoteando a cavallo por perto da affilhada, a gracejar com ella e com o noivo; e eis senão quando, ao chegarem ao ponto em que vio a cruz, o compadre Lucas, no meio de uma cachonada interminavel como eram as delles, cahio do animal a baixo, a fim de cumprido, com as faces róxas. Acudiu-se logo, mas inutilmente: estava morto. Cheguei a pensar em transferir o casamento, mas as senhoras oppuzeram-se. Então, como havia de ser? pelo menos, convinha que voltasse algum para a fazenda, mais proxima que a povoação, para guardar o defunto até o outro dia, em que tinhamos de regressar, pois a festa do casamento era no arraial. Tratava-se de ver quem voltaria, e não era facil achar, pois ninguém de boa mente se desligaria da festa, quando surgiu uma idéa, recebida pela alliança geral: —O Lucas fazia tanto gosto neste casamento, que deve assistir a elle, morto mesmo!

—E' verdade! sem duvida! isso sim! Então, em vez de o carregarem para a fazenda, foi necessario transportar o para o arraial; fultavam como eu disse, duas leguas bem puxadas; que se fez? passou-se um dos nós para a garupa do animal em que vinha o Lucas, poz-se o corpo deste esguichado no sellim, seguro por d'baixo dos braços, e ali veio o defunto a saudir a celebração em gestos afflicto e vos, como se estivesse muito contente a apporvar a nossa resolução. No arraial, vesto o sellim a rampa preta, que trahia uma mala, para a cerimonia, e, sentando-me no d'baixo dos seus, fui a tribuna do defunto para a igreja assistir ao casamento. Houve a idéa de que eu me assés a ser o padre, mas o padre achou que não podia ser, por causa da assignatura no livro do casamento, por mais que lhe dissessem que o compadre Lucas bem podia registrar, pegando-se-lhe o nome. Ao casorio tinha de seguir-se o baile até á madrugada, e como o baile em nossa terra, Mihi in d'baixo do escarpador, pois se ouvia a musica de d'baixo da dança da morte do compadre? —Quem lá está? perguntaram os rapazes; desde que o Sr. Lucas esteja presente... —Sem duvida, ficará n'uma alcova aberta para a sala do baile, servido n'um ambiente de d'baixo do baile. —E nos intervalos dos danças bem se lhe pôde rezar. Assim foi, nem mais, nem menos. Na noite da celebração, muito commoda, sentou-se o compadre Lucas, amarrado por d'baixo, entre duas voltas grandes de seda, e na parede do fundo pendeu-se um cristallo, tambem fahendo de luzes. D'baixo de toda a noite, e em um ambiente de d'baixo do baile, a compadre Lucas e o noivo se fervorosamente pelo descaço da sua boa alliança. Só se levantava quando a musica dava signal para outra volta ou quadrilha. —Eis ali, observou um da nós, do auditorio do Dr. F. S., eis ali o padre, literalmente, enroscado o sagrado com o profano! —Mas o que se deve acrescentar, concluiu o Dr. F. S., é que n'essa occasião se fazia sem nenhuma pejeizo do sentimento religioso, e a verdadeira alliança, como nos banquetes funebres dos selvagens. Lucio de Mexo meca.

POLHEM 143
TURLUTON
DE
RENE MAIZEROT
Tradução para a GAZETA DA PARAHIBA
POR
A. Cruz Cordeiro Junior
TERCEIRA PARTE
A CAÇA AO HOMEM
— () —
(Continuação)
XV
Praga da Roquette
Havia alguns dias que a praça da Roquette era invadida todas as noites por uma multidão cada vez mais numerosa, cada vez mais animada e ruidosa. Desde uma hora da manhã chegavam alli entes ignobis, pela maior parte getanos, homens de baixa classe, que se encontram em toda parte, onde ha um espectáculo repugnante para ver. Passavam de um lado para outro, diante da alta prisão, negra e muda como um tumulo, trocavam graças e vis e badandos, p'razes, mactabas e de vezes mesmo punham-se á cantar, tendo esse canto o horrór tragico do valor dos animas feroces.

Contavam em voz rouquenha esse estribillo em voga: *É teu peçoço, Que nós queremos! Oh! oh! oh! oh! Nós o teremos!* E aquelle oh! oh! oh! oh! era realmente horrivel de ouvir-se durante essa noite escura e n'aquella praça de reputação sinistra. Vinham esperar a execução de um condemnado á noite. Esse condemnado era Hans Hackim. O processo do rei dos ciganos foi muito demorado. Hans Hackim defendeo-se com extraordinaria energia e incomparavel habilidade. Negou tudo, pretendendo ser victima de uma odiosa machinação. Houve scenas altamente dramaticas e que os frequentadores do tribunal do jury não tinham visto iguaes havia muitos annos. Os r'porters judicarios contavam todas as scenas por extenso nos jornes, e essa causa tinha se tornado uma causa celebre. Não se faltava em outro acontecimento em P'riz e nos departamentos. Durante dois mezes toda a França não se occupou senão com Hans Hackim. Mas o cignano, por mais que desenvolvesse todas as manhas da sua intelligencia perversa, succumbio sob o depoimento arrebunhado das testemunhas e sob as provas irrefutaveis accumuladas contra elle. O que concorreu muito para perdê-lo foi o gorro de lontra, que figurou

entre as peças de convicção. Esse gorro era effectivamente d'elle, embora negasse encurtadamente que fosse seu. Conseguiram ler no laudo do tal gorro o nome do fabricante. Esse nome estava naturalmente muito apegado; mas todas as letras eram perceptíveis. Accorram H. Hackim com o laudo, que elle não reconheceu physicamente. O cignano, essa physionomia, má, diabólica, que tanto o impressionou na occasião em que o comparador do gorro fallou-lhe no seu estabelecimento. No jury o negociante afflicto de novo, com a maior energia, que reconhecia Hans Hackim e que era effectivamente o mesmo que lhe comprara o gorro de lontra. Esse depoimento acabou de fazer entrar no espirito dos jurados a convicção da criminalidade do cignano. E, embora este negasse com furia, apesar da brilhante defesa do seu advogado, o jury apresentou um veredictum affirmativo e que nada dizia sobre circunstancias attenuantes. Assim o tribunal, depois de curta deliberação, pronunciou contra o réo a pena de morte. Hans Hackim recebeu o golpe com tranquillidade e sem postanejar. Para esgotar todos os recursos que a lei punha á sua disposição, appellou a assignar o seu recurso de graça. Mas não era n'isso que confiava. Durante esse tempo passaram-se diversos acontecimentos.

Quinze dias depois da condemnacão do cignano, uma reunião de pessoas elegantes e escolhidas affluo á igreja de Anteil. Dois noivos iam receber a benção nupcial. O noivo era um tanto grisalho, mas tinha o olhar vivo e mostrava-se mais firme e mais ardente do que um moço. Tinha tanta alegria no olhar, tanta bondade no sorriso, que se advinhava logo que era um homem feliz e prompto para fazer faco á sua felicidade. A noiva era tambem um tanto morena; mas nem por isso deixava de ser deliciosamente bonita. A alegria animava-a tambem; quem a contemplasse via que ella estava no cumulo dos seus votos, e não era preciso ser grande propheta para predizer que o homem que ella tinha escolhido nada tinha a receiar da esposa. Eram Ellyz e Turluton, aos quaes todos quizeram acompanhar, principalmente o marquez de Roquemaure e Fleuranges. Quando sahiram da cerimonia religiosa, Turluton, aproximando-se da menina de Marcenay, disse-lhe com a voz vibrante de reconhecimento: — Obrigado; menina Luciana, obrigada; é um novo compromisso que concluímos e não seroi eu quem o quebre, ficou descaçada. Mas ha ainda alguma coisa que me desagrada... — Como, Turluton! Não está ainda satisfeito?... — Turluton está satisfeito no que lhe respeito pessoalmente. Por isso deseja ver realizados os votos d'aquelles a quem estima.

—Que votos? perguntou Luciana com voz hesitante. —É que o meu pobre tenente está alli a olhar para mim com ar de inveja! — Turluton! — Sim, não me desligo, e, uma vez que elle não se atreve a falar, fallo eu. Diga, menina, achava uma grande mal casamar-se a Sra. de Fleuranges o mais breve possível? Até hoje não se tem dado mal com os meus conselhos. Aceite ainda este, que é o melhor de todos que lhe tebalho de. —É preciso pro noivo que meo pai seja vin addo responde Luciana e in voz surda. —É de on? —Depois? —Luciana soube subito-lhe um ligeiro rabô ás faces e voltou o rosto, que talvez expressasse mais do que o proprio pensamento. —Está pr' mentado, menina? —Então meo tio nada lhe disse, Turluton? —É uma conspiração o o Sr. marquez participa d'ella, disse Turluton rindo-se. Sou um imbecil, não desconfiava de nada. Luciana poz garridamente um dedo na boca. — Bom, bom, disse Turluton jovialmente, confie a ordem. E depois, agora que já sei o que é, não vejo inconveniente algum em que o meu tenente exorota a sua paciência. Com as mulheres é sempre preciso ter muita paciência.